



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARCELA GIULIA CONRADO BRASIL

**A INFLUÊNCIA DA HETERONORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO SOBRE  
ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

Juazeiro do Norte  
2020

MARCELA GIULIA CONRADO BRASIL

**A INFLUÊNCIA DA HETERONORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO SOBRE  
ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte  
2020

MARCELA GIULIA CONRADO BRASIL

**A INFLUÊNCIA DA HETERONORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO SOBRE  
ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR  
Orientador(a)

---

JOEL LIMA JUNIOR  
Avaliador(a)

---

JÉSSICA QUEIROGA DE OLIVEIRA  
Avaliador(a)

# A INFLUÊNCIA DA HETERONORMATIVIDADE NA CONSTRUÇÃO SOBRE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Marcela Giulia Conrado Brasil<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Júnior<sup>2</sup>

## RESUMO

Gênero e sexualidade são dois conceitos que, embora sejam distintos, comumente são debatidos ao mesmo tempo. Preconcepções a respeito de ambos são frequentes e existem padrões de normalidade que causam sofrimento aos que não conseguem se encaixar neles, gerando assim uma necessidade de maiores estudos nessa área. O trabalho a seguir trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e de caráter exploratório, que visa examinar a literatura existente a respeito de estereótipos de gênero e sua relação com a orientação sexual, através do levantamento de artigos científicos localizados em base digitais e a leitura crítica dos mesmos. Obteve-se com essa pesquisa uma visão mais detalhada a respeito do que já foi dito sobre o assunto, e esses dados podem ser usados como base para a construção de pesquisas futuras, assim como para possíveis intervenções sobre conscientização e educação da população sobre diversidade sexual e de gênero. Não foi encontrado material cujo foco seja essa distinção entre a identidade de gênero e a orientação sexual, portanto foram examinados os tópicos frequentemente discutidos paralelamente, e concluiu-se que uma temática que aparece em todos é a questão do poder e como ele é exercido através do controle da forma como os sujeitos expressam e vivenciam sua sexualidade.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Feminilidade. Masculinidade. Estereótipos.

## ABSTRACT

Gender and sexuality are two concepts that, although distinct, are often debated at the same time. Preconceptions regarding both are frequent and there are standards of normality that cause suffering to those who are unable to fit in, resulting in a necessity of more studies in this area. The following paper is about a bibliographic research whose goal is to examine the existing literature regarding gender stereotypes and their relation to sexual orientation, through the compilation of scientific articles found in digital databases and the critical reading of it. With this research, it was obtained a more detailed view concerning what has been said about the subject, and this data can be used as foundation to the construction of future researches, as well as for possible interventions about raising awareness and educating the population about sexual and gender diversity. Material whose focus was this distinction between gender identity and sexual orientation was not found, therefore the topics frequently discussed alongside it were examined, and the conclusion was that a theme that appears in all of them is the matter of power and how it is wielded through the control of the way people express and live their sexuality.

**Keywords:** Gender. Sexuality. Femininity. Masculinity. Stereotypes.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marcela.gcb@hotmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

Um dos constructos sociais que acompanham o ser humano desde antes de seu nascimento é a questão do gênero e os estereótipos atribuídos ao mesmo, onde a descoberta do sexo biológico de uma criança serve de base para como ela será vista e tratada pela sociedade. Os cromossomos sexuais levam ao desenvolvimento de características sexuais primárias – relacionadas aos órgãos reprodutivos – e secundárias – ligadas ao dimorfismo sexual externo (desenvolvimento de pelos pubianos, modificação da voz, crescimento dos seios, etc.) –, e a partir desses elementos comumente classifica-se as pessoas como sendo ou do sexo masculino ou do feminino (DUARTE, 1993). Porém a visão da sociedade em relação ao que seria masculinidade e feminilidade não se atém a questões anatômicas. Ser um homem, ser uma mulher, envolve muito mais do que seu papel reprodutivo, abrangendo questões estéticas, comportamento e até mesmo preferências. É aí que entra o conceito de gênero como construção social, fugindo da noção da biologia como destino, tema discutido de forma abrangente no meio acadêmico.

Começando muitas vezes pelo ambiente familiar, existe um processo onde a pessoa é, independentemente de sua vontade, submetida às convenções sociais acerca do que é próprio do feminino e o que é próprio do masculino. Embora não seja obrigatório, existe uma pressão social para que os papéis de gênero sejam seguidos, assim como repreensões para aqueles que se distanciam dessa norma. Uma das questões cerceadas por essas normas é a sexualidade, moldada sob um padrão heteronormativo, ou seja, onde a heterossexualidade e os comportamentos atribuídos socialmente a ela são colocados como padrão de normalidade, enquanto outras orientações sexuais e comportamentos considerados destoantes são marginalizados. Esse padrão é tido por muitos como algo natural e inerente à condição humana, dessa forma podendo ser classificado também como um estereótipo de gênero. Presume-se que indivíduos do sexo feminino sentem atração pelo sexo oposto e vice-versa, sendo assim um dos elementos constitutivos do que a sociedade enxerga como masculino e feminino.

Portanto, quando se depara com uma pessoa que foge a esse padrão, um equívoco comum é o de assumir que, por não se encaixar no que é tido como próprio à masculinidade ou feminilidade, essa pessoa necessariamente encaixa-se nos padrões opostos ao que ela “deveria ser”. Ou seja, alguém do sexo biológico feminino que sente atração pelo mesmo sexo, por ter uma sexualidade que não se enquadra no que é comumente esperado, vai passar a ser visto como alguém que age de acordo com os estereótipos atribuídos a indivíduos do sexo masculino. A partir desse tipo de pensamento surgem diversos preconceitos que acabam

por prejudicar a compreensão da sociedade em geral a respeito das pessoas pertencentes à comunidade LGBTQ+, dificultando assim a aceitação e integração dessas pessoas.

Ao observar no decorrer da graduação diversas instâncias onde a diversidade sexual e de gênero foram discutidas, sempre com a perspectiva de aceitação e cuidado no atendimento a essa população, foi possível perceber que alguns elementos básicos sobre a relação entre identidade de gênero e orientação sexual acabam não sendo debatidos, o que levou a uma reflexão sobre a importância de que essa distinção seja colocada em pauta. Os assuntos relativos à diversidade são debatidos de uma forma mais generalista, o que embora seja compreensível devido aos limites de tempo, acaba deixando de lado alguns tópicos considerados importantes pela comunidade.

Em luz das estatísticas que indicam o Brasil como o país com o maior número de assassinatos de pessoas trans e travestis, contabilizando 130 dos 331 casos registrados mundialmente entre outubro de 2018 e setembro de 2019 pelo projeto de pesquisa *Trans Murder Monitoring* (2019), é necessário que tais assuntos sejam tópico de discussão, em uma busca recorrente pela conscientização como método para reduzir o sofrimento dessa população e proteger sua integridade física e mental. Esse trabalho visa ampliar a compreensão a respeito da visão das pessoas sobre a relação entre sexualidade e estereótipos de gênero, para que a partir disso possam ser elaboradas estratégias de conscientização mais eficazes. Qualquer indivíduo que tenha características divergentes do que se é esperado pela sociedade está passível de sofrer repreensões ou até mesmo agressões devido a essa divergência, e um dos caminhos para se minimizar isso é através da educação e promoção do conhecimento.

Diante da dificuldade de encontrar material sobre essa questão específica como tema principal, sendo apenas mencionado como uma parte de outros tópicos mais abrangentes, decidiu-se redigir esse trabalho para um estudo mais aprofundado dessa questão. Existe uma dificuldade que muitas pessoas têm em entender a diferença entre gênero e sexualidade, mesmo no meio acadêmico e na própria comunidade LGBTQ+, portanto pretende-se no decorrer deste trabalho investigar justamente esse tópico, buscando compreender mais essa situação e ampliar a quantidade de trabalhos científicos a respeito desse tema.

Com isso em mente, no decorrer deste trabalho será explorada qual a associação entre identidade de gênero e orientação sexual, e como esses conceitos se relacionam com a heteronormatividade.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a influência da heteronormatividade na construção de estereótipos de gênero através de uma pesquisa bibliográfica. Para atingir tal

objetivo, primeiramente será feita uma busca de artigos publicados nos últimos anos sobre as temáticas de gênero e sexualidade. Em seguida será realizado um levantamento de textos de autores clássicos com contribuições relevantes para o campo, e por último será feita a análise do material encontrado.

## 2 METODOLOGIA

Para a construção deste estudo foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, que consiste no levantamento de referências teóricas, permitindo uma análise do que já foi produzido a respeito do tema através do exame da bibliografia (FONSECA, 2002). É parte inicial de qualquer trabalho científico, porém pode ser também a base principal da pesquisa, que é o caso deste artigo. É uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que tem como objetivo expandir a familiaridade com o problema em questão, para explicitá-lo ou auxiliar na construção de hipóteses (SILVEIRA, CÓRDOVA, 2009).

A primeira fase foi a coleta de material em bases de dados utilizando palavras-chaves que se referem ao tópico deste trabalho, sendo seguida pela coleta de informações através da leitura crítica do material selecionado e subsequente análise do conteúdo encontrado no mesmo.

Para o levantamento foram selecionados artigos publicados em periódicos nacionais a partir de 2006 na língua portuguesa e livros de autores clássicos cujos trabalhos são referência em se tratando dessa temática. A busca pelos textos foi realizada principalmente na base de dados Scielo, a partir das palavras-chave: gênero, sexualidade, heteronormatividade, estereótipos, masculinidade e feminilidade. O material incluído foram artigos que possuem uma das palavras-chave em seu título, publicados nos últimos quatorze anos, disponíveis em português na base de dados Scielo no período em que a pesquisa foi realizada.

O processo de pesquisa teve como base o esquema denominado como circular ou de aproximações sucessivas, que proporciona uma maior flexibilidade com a incorporação de novos procedimentos quando percebida a inviabilidade das estratégias iniciais (MERCADO-MARTÍNEZ, 2004 *apud* LIMA, MIOTO, 2007). Isso permitiu o acréscimo de artigos que, embora não tenham se encaixado nos critérios de inclusão estabelecidos inicialmente, apresentaram um conteúdo relevante para a pesquisa e por isso foram incluídos.

A análise foi feita através da leitura dos artigos e livros e subsequente organização do seu conteúdo em três tópicos principais, sendo eles: noções de gênero e sexualidade, a heteronormatividade como marca de gênero e sexualidade, feminilidade e masculinidade.

Através desses tópicos será examinado o teor geral da discussão, ressaltado os elementos em comum e elaborada uma conclusão a partir desses dados obtidos.

### **3 NOÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

#### **3.1 NOÇÕES DE GÊNERO**

Um conceito comumente discutido ao se tratar de gênero é a questão do sexo, o princípio biológico com o qual nos deparamos em diversas instâncias da vida cotidiana. De acordo com Strey (1998), o sexo se refere a diferenças físicas, a características relativas à procriação, enquanto o gênero é construído socialmente, referindo-se à visão do que torna os indivíduos homens e mulheres. Ainda segundo Strey (1998), essa construção do gênero é evidenciada pelas diferentes percepções de masculinidade e feminilidade em sociedades e épocas distintas. Características que são percebidas como tipicamente femininas no Brasil atual podem não ser tidas da mesma forma em outras culturas, ou mesmo no Brasil do século passado.

Lauretis (1994) traz questionamentos a respeito das diferenças sexuais e as limitações desse conceito, ressaltando que o gênero não é uma condição natural, sendo em vez disso uma representação individual diante de uma relação social estabelecida anteriormente ao próprio indivíduo, construída sobre a oposição estrutural dos sexos biológicos.

Arán, Murta e Lionço (2009) falam sobre como estudos sobre a transexualidade promoveram uma nova maneira de se compreender essa divergência entre o corpo e a auto percepção através de uma separação entre os conceitos de sexo (biológico) e gênero (social). Também é citado o trabalho do psiquiatra John Money com crianças intersexuais, que consolidou a noção de gênero como diferenciação entre o sexo biológico e a identidade sexual. Essa dicotomia sexo-gênero é, no entanto, contestada por autores como Michel Foucault e Judith Butler, que discutem, respectivamente, os mecanismos de poder em torno da sexualidade e a visão do sexo como uma condição estática em vez de uma construção histórica (ARAN, 2006).

Ao abordar essa temática é necessário fazer uma revisão de como isso foi debatido no decorrer da história e as mudanças que ocorreram até chegar ao cenário atual. Ao final da década de 1960, o feminismo, em sua segunda onda, se volta para construções teóricas, trazendo para o universo acadêmico e para seu fazer intelectual a paixão política das questões que consideravam mobilizadoras. Através disso denunciam a ausência de mulheres em

diversos campos, como nas ciências e nas artes. Por serem questões com pretensão de levarem a mudanças e onde era claro o interesse pessoal das estudiosas, esse movimento foi visto a princípio com desconfiança, como algo que não merecia um espaço no meio científico (LOURO, 1997).

Uma autora que se destacou nessa discussão foi Simone de Beauvoir, que inicia sua obra “O Segundo Sexo” com uma reflexão sobre o local da mulher na sociedade, sendo colocada sempre como sendo inferior ao masculino, uma relação que foi frequentemente naturalizada através de explicações e justificativas vindas dos homens, cuja opinião carrega o viés de vir do lado mais beneficiado com a manutenção dessa dinâmica. Ela traz também o confinamento da mulher ao seu sexo biológico, que é hostilizado, e fala sobre como a determinação dos papéis de cada sexo provem não de uma ordem natural e biológica, mas sim da instauração de diversos mitos sociais. Segundo Beauvoir (1970, p.57), “o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade”. Essas ponderações iniciais servem como base para uma obra que busca desconstruir a noção da biologia como destino, questionando as noções de superioridade masculina que permeavam o conhecimento científico e fortalecendo o movimento feminista na reivindicação de seus direitos.

De acordo com Joan Scott (1995), começou entre as feministas americanas o uso do termo “gênero” como forma de enfatizar o caráter social das distinções sexuais, rejeitando assim o determinismo biológico. Essa diferenciação contestava a naturalização de determinadas construções culturais que contribuíam com a opressão exercida contra as mulheres. Scott (1995) também discorre sobre a necessidade de que os estudos a respeito dessas temáticas sejam analíticos, e não somente descritivos.

Também não se pode deixar de mencionar as visões não-binárias de gênero presentes em outras culturas. Weeks (2000) ressalta o etnocentrismo existente nas percepções de gênero e sexualidade, que faz com que outras formas de experienciar isso sejam vistas com estranheza. Também é discutido por ele as variadas significações sociais e sentidos que atos sexuais fisicamente idênticos podem tomar, dependendo da cultura e período histórico onde estão inseridos. Nesse âmbito podemos citar as comunidades aborígenes norte americanas e sua percepção da natureza do gênero e da sexualidade como algo fluido, conectado com a espiritualidade e suas tradições, incluindo a possibilidade de indivíduos que possuem um espírito ao mesmo tempo masculino e feminino (HUNT, 2016).

Ao discorrer sobre a noção de gênero, Porchat (2011) declara que a mesma abrange diversos aspectos, citando a percepção dos próprios pacientes, a do analista como alguém que neles identifica estereótipos femininos e masculinos provindos da cultura na qual se veem inseridos e da noção de homem e mulher que cada autor estudado na Psicologia utiliza em suas respectivas obras.

Louro (1997) afirma ser necessário demonstrar que o que constitui o feminino e o masculino não são as características sexuais, mas sim a maneira como elas são representadas, o que se é dito sobre elas em cada sociedade, em cada momento histórico. Existem na sociedade papéis atribuídos a cada gênero, padrões e regras que buscam definir os comportamentos, posturas, vestimentas e formas de se relacionar que seriam mais adequados, e tais papéis seriam aprendidos para que os indivíduos fossem capazes de corresponder a essas expectativas. O gênero, no entanto, transcende esse desempenho de papéis, constituindo parte da identidade do sujeito (LOURO, 1997).

### 3.2 SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL

A sexualidade é algo que engloba diversos aspectos da vida dos indivíduos, relacionando-se com suas ideologias, imaginação e crenças, não se restringindo somente ao corpo físico. Porém quando se fala de sexualidade existe uma forte suposição de que a biologia constitui um elemento base, sendo ela um fenômeno natural, fruto da evolução. Isso ignora as relações de poder que modelaram nossas crenças, definições e convenções a respeito do comportamento sexual (WEEKS, 2000). Ainda segundo Weeks (2000), pode ser observada claramente as intervenções das relações de poder sobre a regulação das atividades corporais dos sujeitos. A sexualidade é construída através da preocupação com a subjetividade e com a sociedade, com as potencialidades do corpo no centro de ambas. Os sentidos atribuídos aos corpos e suas questões sexuais integram a formação individual como uma parte vital da mesma.

Uma questão ligada à sexualidade que gera diversas controvérsias é a da orientação sexual, que vamos definir aqui como o desejo que um indivíduo sente de se relacionar sexual e/ou afetivamente com outras pessoas de um determinado gênero (ou gêneros). Até os dias de hoje, muitos possuem a visão que a condição normal dessa orientação seria a heterossexual, condizente com a função reprodutiva, também colocada como um imperativo para a existência humana em sua plenitude. Segundo Rich (1980), a heterossexualidade é, implícita ou explicitamente, presumida como a preferência da maioria das mulheres, e além disso, não

precisa ser explicada por algo a menos que seja pela necessidade de reprodução da espécie ou pela teoria do complexo de Édipo feminino, ao contrário da sexualidade lésbica.

No entanto existe uma gama de fatores sociais e políticos na construção desse padrão que não possuem nenhuma relação com inclinações biológicas. Foucault (1988) contestou argumentos essencialistas a respeito da sexualidade ao trazê-la como uma construção histórica, utilizada como instrumento de regulação social para organizar e modelar corpos e comportamentos individuais, trazendo uma reflexão sobre como o controle da sexualidade interfere em outros aspectos, como a força de trabalho.

A homossexualidade foi em vários momentos da história da humanidade retratada como algo negativo. Em 1872, homossexuais foram descritos pelo psiquiatra alemão Carl Westphal como indivíduos dotados de uma “inversão” que caracterizaria sua sexualidade, assim como seu comportamento e caráter. Essa “inversão sexual” foi encarada como uma ameaça a diversas estruturas tradicionais, como a divisão de poder entre o homem e a mulher e a preservação dos valores e da moralidade (MISKOLCI, 2007 apud MAE; TOMIO, 2013).

Foucault (1988) fala sobre o aparecimento da homossexualidade como uma diferenciação da sodomia, a transformação de algo visto como prática para algo inerente à natureza da pessoa, uma “androgenia interior, um hermafroditismo da alma”. As sexualidades que fogem a norma deixam de ser excluídas para serem especificadas, e embora exista uma modificação no método, o propósito continua o mesmo: exercer o controle sobre essas vivências.

#### **4 A HETERONORMATIVIDADE COMO MARCA DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Estereótipo é o nome dado às crenças compartilhadas a respeito de características pessoais que são atribuídas a pessoas ou a grupos, sendo identificados por psicólogos sociais da contemporaneidade como um elemento cognitivo do preconceito (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2007). Essas imagens prévias que afetam o julgamento são difíceis de serem quebradas e muitas vezes são inevitáveis, pois ao atribuir características a um grupo, a interação com indivíduos que compõem o mesmo se torna mais previsível, pois já existem expectativas sobre como o outro vai agir, e isso é mais fácil do que encarar um sujeito completamente desconhecido sem saber o que esperar (CABECINHAS, 2004).

Cabecinhas (2004) discorre sobre a realização de testes a respeito de estereótipos étnicos e raciais e como os resultados se modificaram ao serem aplicados em épocas diferentes, o que leva ao questionamento sobre a natureza dessas mudanças. Não é definido se

elas seriam um indicativo de menores índices de preconceito, ou uma reação às novas normas sociais onde o preconceito é colocado como algo negativo.

É estabelecida uma perspectiva binária que não se restringe aos corpos, alcançando também as almas, ou seja, a partir dessa perspectiva existe um modo de ser que é essencialmente masculino ou feminino. O corpo da mulher e sua capacidade de exercer a maternidade o coloca como apropriado ao ambiente privado, enquanto o corpo masculino é apropriado para a vida pública (MELLO, 2012).

Louro (1997) fala sobre identidades sexuais e identidades de gênero. A primeira seria constituída pela forma que cada sujeito vivencia sua sexualidade e os parceiros que participam ou não desse processo, enquanto a segunda se refere a identificação dos indivíduos, social e historicamente, com as noções de masculinidade e feminilidade. Embora sejam coisas diferentes e não exista entre elas uma relação determinística, ambos são conceitos a respeito dos quais existe uma discussão sobre a influência dos aspectos biológicos e dos aspectos sociais, e qual deles seria predominante. Ainda segundo Louro (1997, p.21), “não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”.

As duas identidades possuem normas e convenções sociais que as cercam, buscando regularizar e padronizar como as mesmas devem ser experienciadas. A imposição dessas normas pode ocorrer por meio de diversas estratégias, utilizadas para preservar a visão da heterossexualidade como normativa e naturalizada (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018). Esse conjunto de práticas que legitimam e privilegiam a heterossexualidade como sendo algo fundamental é a heteronormatividade, promovendo um binarismo sexual (POMPEU, SOUZA, 2019). Também dentro dessas normas é feita uma associação entre o sexo de nascimento, o gênero e a sexualidade, estabelecendo-se uma relação de causalidade entre eles, reforçando assim a ideia da heterossexualidade como algo natural. Ainda segundo Pompeu e Souza (2019, p. 650), “a matriz heterossexual busca produzir [...] a naturalização de um determinismo entre gênero e sexualidade e vice-versa”.

Ao se equacionar a natureza com a heterossexualidade, a mesma é colocada como norma pelas instituições em diversos aspectos, do político ao econômico. Todas as relações, inclusive aquelas entre indivíduos do mesmo sexo, são enquadradas em um modelo binário que organiza práticas, atos e desejos segundo o molde do casal heterossexual. Essa divisão em opostos é tão marcante que afeta até mesmo nossa percepção de determinadas cores como sendo femininas ou masculinas (SOUZA, PEREIRA, 2013).

## 5 FEMINILIDADE E MASCULINIDADE

Tanto o gênero quanto a sexualidade possuem diversos estereótipos construídos a seu respeito e reiterados diariamente através de práticas sociais e culturais, gerando expectativas em relação aos indivíduos e sua forma de agir, fazendo com que determinados conhecimentos, costumes e gestos sejam tidos como femininos ou masculinos (SANTOS, 2010). O homem com comportamentos considerados femininos, assim como a mulher com comportamentos considerados masculinos, põe em risco o binarismo sexual (POMPEU; SOUZA, 2019).

Segundo Santos (2010, p.848), “atributos como sensibilidade e delicadeza estão atrelados à condição feminina, construções estas marcadas na/pela história”, algo que o autor encontrou enquanto observava aulas de educação física para sua pesquisa, através de falas tanto de estudantes quanto de professores. As mulheres tiveram por muito tempo sua imagem ligada à passividade e ao ambiente doméstico, seu corpo e sua capacidade reprodutiva colocados como algo que se é necessário reprimir. Canto e Ghazzi (2016) trazem em sua pesquisa a construção da feminilidade através do brincar e fazem um comparativo entre o que é visto atualmente e as posturas do passado, onde as mulheres tinham de ser dóceis, recatadas e receptivas às necessidades e aos desejos dos homens e dos filhos, virtudes consideradas próprias da feminilidade e que deveriam ser ostentadas. Louro (1997) ressalta que por um longo tempo o mundo doméstico, privado, foi colocado como o universo ao qual pertenciam as mulheres, e essa visão reverbera através de estereótipos como esses.

A relação entre a heterossexualidade e a masculinidade aparece em pesquisas realizadas em ambientes de trabalho, que discorrem sobre como os homens utilizam o humor como mecanismo de defesa em caso de eventuais ameaças à sua masculinidade. Comportamentos masculinos são aceitos, enquanto os femininos são rejeitados e associados à homossexualidade. A mesma é colocada como desvio, algo que se opõe aos padrões de comportamento que são dominantes, levando a uma estigmatização desses indivíduos, algo que é intensificado quando o sujeito expressa o estereótipo de ser feminino. Assim como a mulher sofre uma desvalorização na sociedade, os afeminados são desvalorizados até mesmo entre homossexuais (SOUZA, PEREIRA, 2013; POMPEU, SOUZA, 2019).

Uma pesquisa realizada por Bruschini e Ricoldi (2012) sobre a participação masculina na realização de afazeres domésticos revelou que o mesmo se constitui em um auxílio periférico e não obrigatório, em casos onde existem na família mulheres com disponibilidade para fazer esses trabalhos domésticos. Ainda segundo as autoras, tais resultados demonstram

o quanto existe uma percepção de que os cuidados com a casa e com os filhos são um atributo majoritariamente da mulher, mesmo quando existe uma divisão dos afazeres.

A vaidade e a preocupação com a aparência são percebidas como atributos femininos, e essa percepção leva a uma menor preocupação com a aparência ser associada aos homens, que procuram se distanciar de tópicos relacionados à feminilidade. No entanto um elemento da aparência, os músculos, são associados à masculinidade e podem ser uma maneira de provar a mesma, sendo uma diferença em relação à aparência feminina. (FONTES; BORELLI; CASOTTI, 2012).

Em uma pesquisa realizada por Braga e Carauta (2020) sobre o comportamento de um grupo em uma rede social composto exclusivamente por homens com o objetivo de discutir futebol, foram detectados vários elementos ligados à necessidade de afirmar uma masculinidade idealizada através do uso de provocações diante de qualquer ato considerado feminino ou menos masculino, com o objetivo de desqualificar tais ações. Outros comportamentos percebidos durante o estudo foram a ostentação do consumo de álcool, a escatologia e a linguagem chula, sendo esses dois últimos um contraste à atributos como delicadeza e elegância, entendidos como femininos. A identidade masculina tem como base principal a negação de características relacionadas a mulheres, homossexuais e crianças (FONTES; BORELLI; CASOTTI, 2012).

Ainda segundo Braga e Carauta (2020), a posição dos integrantes em relação às mulheres foi uma recorrente objetificação, tratando-as sempre como coadjuvantes e dessa forma manifestando um domínio simbólico sobre elas. Em relação à homossexualidade, foi demonstrada uma aversão, utilizando-a como um ataque aos participantes que adotassem algum comportamento não condizente com o esperado.

Uma observação importante a respeito desse estudo é que essa masculinidade expressa no grupo não necessariamente condiz com os atos dos integrantes em seu cotidiano, pois a mesma não se assume normal em uma questão estatística. Ela incorpora uma maneira de ser um homem que é considerada honrada, e que legitima ideologicamente a posição das mulheres como subordinadas (BRAGA; CARAUTA, 2020)

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através desse trabalho pode-se obter uma melhor compreensão da relação entre a sexualidade e os estereótipos de gênero sob a influência da heteronormatividade ao observarmos como esses dois conceitos são discutidos na literatura, tanto separadamente

quanto relacionados um ao outro. Dessa forma, foi possível atingir os objetivos da pesquisa de examinar a literatura existente a respeito da temática.

Algo que aparece com frequência em meio as discussões é a questão do controle e suas várias manifestações. Como parte da experiência humana, a sexualidade afeta vários aspectos da vida dos indivíduos, e sua prática é, portanto, algo que está submetido a diversas regras e convenções que se modificam ao decorrer dos anos de acordo com o que melhor convém a cada época, a cada localidade. O mesmo se aplica ao gênero, com as várias atribuições sobre o que é ser um homem e o que é ser uma mulher.

As divergências em relação a esses modelos culturais estabelecidos pelas sociedades são submetidas a diferentes formas de repreensão. Mesmo quando sua existência é “permitida”, existe uma série de normas que buscam estabelecer qual seria a forma correta de se exercer essas vivências. A heteronormatividade não tem sua influência restrita a heterossexuais, sendo também percebida entre membros da comunidade LGBTQ+ que muitas vezes se percebem mais protegidos ao performar um padrão de masculinidade ou feminilidade que é mais aceito socialmente.

Os papéis de gênero estabelecidos culturalmente buscam regular as formas como os indivíduos expressam sua sexualidade, condicionando-os a um modelo que satisfaça as demandas sociais. É também uma maneira de simplificar a identidade de gênero ao restringi-la a duas categorias binárias, homem ou mulher, pois tal simplificação facilita as interações sociais ao prover aos sujeitos categorias onde podem colocar os outros, assim como si mesmos, e através delas podem realizar generalizações, algo mais rápido e eficiente do que buscar conhecer cada pessoa como alguém singular e complexo, com várias especificidades.

Essa simplificação não é algo totalmente nocivo que deve ser abolido. Tais categorias podem promover a união de indivíduos semelhantes, podem ser utilizadas como ferramenta política quando se é necessária a luta por direitos. O que é necessário é uma maior tolerância aos casos que divergem do que se é esperado, uma abertura ao estabelecimento de novas categorias quando as existentes não forem mais apropriadas para o atual contexto, e manter vivo os questionamentos ao status quo e o olhar crítico sobre a forma que a sociedade se organiza e a quem essa organização está beneficiando.

## REFERÊNCIAS

ARAN, Márcia. A Transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora – Estudos em Teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 49-63, 2006. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 de Fevereiro de 2020.

ARAN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p. 1141-1149, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 15 de Fevereiro de 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Livro 1: Fatos e Mitos. 4ª Edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRAGA, Adriana Andrade; CARAUTA, Alexandre Augusto Freire. **Futebol, gênero e homossociabilidade nas redes sociais**: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 165-190, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-58442020000100165&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442020000100165&lng=en&nrm=iso). Acesso em 21 de junho de 2020.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; RICOLDI, Arlene Martinez. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 259-287, Abr. 2012 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100014&lng=en&nrm=iso). Acesso em 04 de Junho de 2020.

CABECINHAS, Rosa. **Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais**. Actas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2004.

CANTO, Juliana Speguen do; GHAZZI, Mercês Sant'Anna. **Monster High e o Modelo de Feminilidade na Atualidade**. Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, v. 36, n. 3, p. 625-636, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932016000300625&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300625&lng=en&nrm=iso). Acesso em 23 de junho de 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e juventude(s) Problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 124-137, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-60892018000100124&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892018000100124&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 de junho de 2020.

De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e Impasses**: O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

DUARTE, Maria de Fátima da S.. Maturação física: uma revisão da literatura, com especial atenção à criança brasileira. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. S71-S84, 1993. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000500008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000500008&lng=en&nrm=iso). Acesso em 29 de junho de 2020.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTES, Olivia de Almeida; BORELLI, Fernanda Chagas; CASOTTI, Leticia Moreira. **Como ser homem e ser belo?** Um estudo exploratório sobre a relação entre masculinidade e o consumo de beleza. *REAd - Revista Eletrônica de Administração* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 400-432, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-23112012000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112012000200005&lng=en&nrm=iso). Acesso em 23 de junho de 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal; 1988.

HUNT, Sarah. **An Introduction to the Health of Two-Spirit People: Historical, contemporary and emergent issues**. Prince George, BC: National Collaborating Centre for Aboriginal Health, 2016.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 de Junho de 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

MAES, Marcos Eugênio; TOMIO, Daniela. **A divulgação científica sobre orientação e diversidade sexual: Características das informações veiculadas pela Revista *superinteressante***. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.3, n.7, p.21-36, 2013

MELLO, Ricardo Pimentel. **Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Psicologia & Sociedade***, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 197-207, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822012000100022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100022&lng=en&nrm=iso). Acesso em 21 de junho de 2020.

POMPEU, Samira Loreto Edilberto; SOUZA, Eloisio Moulin de. **A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional**. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 26, n. 91, p. 645-664, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-92302019000400645&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302019000400645&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 de junho de 2020.

PORCHAT, Patrícia. A prática psicológica e a sexualidade como categoria de Subjetivação. In: **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2011.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*, Vol. 5, No. 4, Women: Sex and Sexuality. 1980, p. 631-660

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. Preconceito, estereótipos e discriminação. In: **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes. 2007. Cap. 7, p.198-237.

SANTOS, Vilma Canazart dos. **Indícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física**. Tese (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação, UNIMEP. Motriz, Rio Claro, v.16 n.4 p.841-852, out./dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-65742010000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 de abril de 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**., v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2, p.31-42.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. **(Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho**: a discriminação de homossexuais por homossexuais. RAM, Rev. Adm. Mackenzie, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 76-105, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-69712013000400004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000400004&lng=en&nrm=iso). Acesso em 28 de junho de 2020.

TMM Update Trans Day of Remembrance 2019. “Transrespect versus Transphobia Worldwide” research project (2015) Trans Murder Monitoring, 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2019/>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Cap. 2, p.35-82.